

# Vida interrompida: Aborto e espiritismo nas representações de mulheres de grupos populares

*Life interrupted: abortion and spiritism in the representations of lower class women*

**Flávia de Mattos Motta**

*Professora do Departamento de Ciências Humanas,  
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.*

**Angela de Araújo Silva**

*Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC,  
Bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq.*

5

## Resumo

Uma grande pesquisa sobre aborto em grupos populares urbanos em Florianópolis investiga as representações sociais em torno do aborto. Neste artigo, são discutidos os dados sobre espiritismo kardecista que apareceram no trabalho de campo etnográfico. Embora a maior parte dos entrevistados se considere católica, frequentemente preceitos do espiritismo são evocados nas reflexões sobre aborto. O evolucionismo presente na doutrina kardecista traduz-se tanto na ideia de *interrupção* (da vida) como na de aprimoramento individual das pessoas ao longo da vida, refletindo a respeito da experiência do aborto. Seja para assumir o aborto realizado, seja para criticá-lo, o espiritismo é acionado a fim de elaborar positivamente a experiência.

Palavras-Chave: Aborto. Espiritismo. Catolicismo. Interrupção. Religiosidade.

## Abstract

A major survey on abortion in urban popular groups in Florianopolis investigates the social representations about abortion. In this article, we discuss the data concerning spiritualism/Kardecism that were collected in ethnographic fieldwork. Although most of the interviewees say they are Catholics, some precepts of Kardecism are often evoked on their thoughts on abortion. The evolutionist perspective that can be recognized on Kardecist doctrine is translated both in the manifested idea of interruption (of life) or in the idea of a personal enhancement in the course life when people think of the experience of abortion. Whether to accept the abortion already performed, either to criticize it, Kardecist spiritualism is often triggered to formulate this experience in a positive manner.

Keywords: Abortion. Spiritism. Catholicism. Interruption. Religiosity.

## Introdução

*A religião católica só diz que não, a espírita explica tudo*

Maria

Neste artigo<sup>1</sup>, pretendemos sistematizar os dados etnográficos relacionados a *espiritismo* recortados de nossa pesquisa<sup>2</sup> sobre aborto num bairro de periferia de Florianópolis (AREND; ASSIS; MOTTA, 2012). Para compreendermos as representações sociais sobre aborto no Brasil, é preciso considerarmos os referenciais cognitivos, culturais e simbólicos para diferentes classes sociais na sociedade brasileira. Nossa pesquisa, que teve como lócus um bairro de periferia de Florianópolis, investigou os chamados “grupos populares urbanos”<sup>3</sup>.

No contexto pesquisado, poucas mulheres assumem já ter provocado aborto e quase todas condenam quem faz ou já fez. Falar sobre o tema possui um quê de mistério e de jogo, em que diferentes argumentos vindos de variados contextos e matrizes discursivas são acionados. As mulheres entrevistadas e observadas em suas vidas cotidianas mediante o método etnográfico, quando se referem ao aborto, ativam a memória sobre fatos vivenciados por mulheres conhecidas ou por elas mesmas bem como acerca de casos divulgados pela mídia. A religião é sempre referenciada nos discursos a respeito do aborto. Suas reflexões sobre o tema aborto são perpassadas por discursos religiosos, ou

---

<sup>1</sup> Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no Grupo de Trabalho **Gênero, Corpo, Sexualidade e Reprodução** do IV Seminário Nacional Sociologia & Política (Curitiba, 2012). Agradeço a todas as participantes do GT, especialmente às coordenadoras, em particular Marlene Tamanini e também Miriam Adelman, cujos comentários inspiraram ideias que tentei incorporar nesta versão.

<sup>2</sup> Pesquisa desenvolvida com apoio do Edital MCT/CNPq/MS-SCTIE-DECIT/CT- Saúde 22/2007 - Saúde da Mulher Linha de Apoio 1.2.1 (processo 551362/2007). Apoio suplementar dos editais PROBIC/PIBIC 2008/2009 e Edital 2009/2010/ e 2010/2011 da UDESC. A equipe de realização da pesquisa contou com as pesquisadoras professoras da UDESC Carmen Susana Tornquist (coordenadora), Denise Soares Miguel, Gláucia de Oliveira Assis, Sílvia de Fávoro Arend, Flávia de Mattos Mota, o docente pesquisador Antero Maximiliano Reis (UDESC) e com a colaboração das pesquisadoras Silvana Maria Pereira (UFSC) e Rozeli Maria Porto (2008-2010 - UFSC e 2010-2011 - UFRN).

<sup>3</sup> O uso da categoria “grupos populares urbanos” foi produto de discussão coletiva da equipe de pesquisa, sistematizada alhures: A escolha deste universo de pesquisa deveu-se ao fato de considerarmos o recorte de classe – no caso, de classes populares – fundamental, que não deve ser negligenciado nem secundarizado nas análises identificadas com os estudos de gênero, entre outros. Como nos chama a atenção Claudia Fonseca, que sublinha a centralidade da dimensão de classe para pensar o caso do Brasil: “país onde quase um terço da população vive em situação de pobreza crônica e a distância entre ricos e pobres é uma das maiores do mundo (frequentemente comparado ao fenômeno do *apartheid* na África)”. Daí a importância de não perdermos de vista as diferenças e sutilezas entre matrizes simbólicas internas aos grupos populares, ou classes subalternas e/ou populares (FONSECA, 2006). A autora nos instigou a pensar sobre o tema específico do aborto, tendo em vista as flagrantes desigualdades de acesso a serviços, muitas vezes clandestinos, a que mulheres de diferentes classes sociais recorrem em situações de gravidez indesejada, expressando uma flagrante desigualdade estrutural da sociedade brasileira (MOTTA *et al.*, 2010, p. 251-252).

melhor, pela apropriação que elas fazem desses discursos, reelaborando-os. Neste artigo, propusemo-nos a registrar e pensar a respeito das várias falas e respostas que obtivemos mediante nosso trabalho de campo, em que as pessoas entrevistadas se referiam ao espiritismo ao refletirem sobre o aborto.

### **A cidade das mulheres: mulheres dentro de uma pesquisa, dentro de uma comunidade, dentro de um bairro na periferia de uma cidade**

*Aqui, é tudo pela mulher! Se for esperar pelos homens...* (Lúcia)

O bairro pesquisado é um velho conhecido da universidade a que estamos vinculadas, a UDESC, e tem sido objeto de pesquisas e ações de extensões nas duas últimas décadas. Esse bairro é identificado pelo poder público como uma zona de vulnerabilidade social, em que sua população tem um histórico de participação em movimentos sociais e acolhe projetos não somente das universidades estadual e federal, mas também de ONGs que ali estão sediadas. O projeto de pesquisa de que este artigo resulta, elaborado originalmente pelo grupo de pesquisadoras integrantes do Laboratório de Relações de Gênero e Família, foi motivado e informado pelo conhecimento prévio das questões relacionadas a saúde reprodutiva e sexualidade de mulheres e jovens moradoras, bem como de moradores.

Em função das questões éticas implicadas numa pesquisa sobre uma prática criminalizada no Brasil e, portanto, revestida pelo segredo, não identificamos nominalmente aqui o bairro pesquisado. Ao todo, são nove comunidades que compõem o bairro e que mantêm nomes, territorialidades e identidades bem definidas. Nossa pesquisa nesse bairro foi desenvolvida por três anos e teve metodologias e fases distintas. Em uma etapa quantitativa, foi realizado um *survey* que mapeou e atingiu todo o bairro (ASSIS; MIGUEL, 2012). A dimensão qualitativa da pesquisa foi a mais longa e apresentou vários desdobramentos, tendo cada pesquisadora e pesquisador se envolvido em subprojetos de natureza diversa. Ao todo, foram realizadas 23 entrevistas (16 mulheres e 7 homens) em duas das comunidades do bairro. Houve também 7 entrevistas com mediadores: 5 profissionais de saúde e 2 de projetos especiais e do posto de saúde do bairro.

Para fins deste artigo, analisamos o material que resultou de nosso engajamento nesse projeto: a etnografia focada em uma das comunidades desse bairro, na qual foi realizada a maior parte das entrevistas acima referidas.

Diferentemente de outras comunidades do bairro, a comunidade em foco é resultante do movimento sem-teto e foi fundada mediante ocupação e negociações até a concessão dos lotes pelo poder público e a construção comunitária das casas. Durante esse processo, as mulheres tiveram um papel e uma centralidade notória, inclusive na construção das 40 casas. Era comum nas entrevistas com mulheres mais maduras a memória, um tanto heroica e sacrificial, desse processo histórico: lembrança da preocupação com a filha, bebê à época e agora adulta, que era aquecida dentro de uma caixinha de papelão sob a lona (com ênfase no temor de que ratos atacassem a criança durante a noite); das mãos femininas sangrando, carregando e colocando “cada tijolo desta casa”; da mulher que começou a atividade de crecheira, que mantém até hoje, quando assumiu a responsabilidade de cuidar das crianças das mulheres envolvidas na construção das casas.

Nossa entrada na comunidade se deu via Casa Comunitária, ao frequentarmos as reuniões semanais do grupo de artesãs que participava de uma das ações de extensão da universidade e da qual faziam parte algumas das lideranças históricas dessa comunidade. A partir desse grupo, trabalhamos com a etnografia nos moldes clássicos, indo ao menos uma vez por semana ao bairro, inicialmente com a finalidade de participar das referidas reuniões. Foi assim que iniciamos nossa observação participante – e militante, de certa maneira. Nesse sentido, ensinamos tricô às mulheres interessadas, criamos soluções e produzimos artesanato, obtivemos doações da matéria-prima, viajamos como grupo e participamos de feiras de economia solidária. Passamos a frequentar suas casas e a conhecer suas famílias. Ao longo desse processo, procedemos às entrevistas mais formalizadas, realizadas em suas casas ou na Casa Comunitária, para as quais contávamos com o roteiro de nosso projeto, com questões elaboradas coletivamente pela equipe de pesquisa: história afetivo-reprodutiva, contracepção e aborto. Eram entrevistas semiabertas, gravadas e acompanhadas de registro etnográfico em diário de campo. Todos os dados, diários e entrevistas posteriormente transcritas eram socializados com a equipe e protegidos por procedimentos éticos.

A partir do critério estabelecido previamente de envolvermos na pesquisa apenas maiores de idade, entrevistamos formalmente mulheres que se encontravam na faixa entre 20 e 50 anos. As reuniões com as artesãs aconteciam à noite e as entrevistas eram marcadas para a tarde em função de seus horários de trabalho formal ou afazeres domésticos. Algumas entrevistas foram marcadas previamente através do contato com as artesãs, com as quais logo trocamos telefones, porém parte das entrevistas foi feita ao nos dirigirmos para a comunidade, em algumas tardes durante os dias de semana, quando lá

chegávamos e batíamos nas casas (na verdade, gritávamos por cima do muro, portão ou cerca). Nem sempre quiseram nos receber – mesmo após várias tentativas, como foi o caso da família de mulheres (mãe e filhas) que sempre foram apontadas como usuárias de Cytotec em fofocas produzidas por nossas interlocutoras no campo (mulheres de várias idades) (MOTTA, 2012). Porém, em geral, fomos sempre muito bem acolhidas pelas moradoras em suas casas. Ao final da pesquisa, quando chegávamos na comunidade, tínhamos a impressão de que já éramos esperadas nos portões por mulheres que ainda não havíamos entrevistado, porém já sabiam o que estávamos fazendo ali; algumas vezes, pareciam até já ter ciência da tônica das perguntas. Ao que parece, ao final de um ano de campo, as mulheres falavam conosco sobre nossa pesquisa e entre elas mesmas.

### **Espiritismo: uma religião boa para pensar (e explicar) o aborto?**

*Eu não tinha interesse por bruxaria quando fui para a terra Zande, mas os Azande tinham; de forma que tive de me deixar guiar por eles.*

Evans-Pritchard

A partir de dados da pesquisa etnográfica numa das comunidades do bairro de periferia de Florianópolis que sediou nossa pesquisa mais ampla, este artigo pretende discutir as práticas e representações de mulheres populares acerca da questão aborto nas quais estão presentes ideias de vida/morte, homicídio/pecado e, raramente, de autonomia feminina. Há vários tipos de receios permeando as práticas e os discursos: de ordem física, moral, social e espiritual, a saúde da mulher, a imagem pública, a desonra, a vida da mulher e da “criança” e castigos imprevisíveis. “O tópico 'aborto' é todo marcado por reflexões de foro moral e classificatório, muito mais complexo do que o 'sim' ou 'não', contra ou a favor” (MOTTA, 2010). A principal marca nos discursos das mulheres entrevistadas talvez seja a condenação moral advinda da cultura na qual estão inseridas, que é fortemente influenciada por uma ou por mais religiões.

A própria definição de aborto presente nas falas das mulheres entrevistadas e observadas é variável conforme a situação, a posição do sujeito que fala e o fato motivador do discurso. Algumas falas, por exemplo, assimilam aborto a infanticídio ou abandono de bebês. Assim, condenam “aborto” por terem em mente a morte de uma “criança”. No entanto, manifestam tolerância em relação aos chás abortivos, que, embora entendidos como tendo o potencial

para fazer vir a menstruação, parecem não implicar exatamente “aborto”, por não envolver uma “criança” “pronta” ou quase “pronta”. O que torna o aborto condenável é o fato de ele atingir uma “pessoa”, uma “vida”, algo que não é um “objeto”, que não se pode (mais) “jogar fora”. É possível pensar o embrião de várias maneiras, tanto como objeto que pode ser descartado porque ainda não é vida quanto como “vida”, que é pessoa com potencial. Nessa última perspectiva, o aborto significa a interrupção do futuro de uma pessoa potencial (uma pessoa futura) (MOTTA, 2012).

Ter e sustentar uma opinião sobre o aborto, ser contra ou a favor, é tenso e complexo. Há sempre razões que contextualizam a prática, justificam-na e viabilizam a licença moral que ela implica. Sejam quais forem, às vezes essas razões são reelaboradas pela mulher que praticou ou que elabora o discurso a respeito. Assim, mesmo não concordando com o aborto, a situação justifica a ação, no ponto de vista das mulheres. Muitas vezes, a mesma que fez um aborto, quando interpelada, condena as atitudes das outras, indicando que somente determinadas justificativas seriam consideradas válidas e que apenas em contextos muito especiais a mulher que provocou aborto seria digna de perdão. Assim, no contexto desses julgamentos e elaborações de cunho moral, muitas vezes discursos vindos de matrizes religiosas variadas são acionados.

Nossa abordagem tem como ponto de partida os estudos feministas de gênero, e se ousamos adentrar na seara dos estudos das religiões, é porque o campo nos levou a ela. Portanto, é como especialistas do campo gênero que enfrentamos a discussão dos nossos dados que adentram o campo das religiões ao evocarem o espiritismo. Muito antes que pretender a *expertise* da discussão da Antropologia das Religiões, em que somos assumidamente neófitas, buscamos compartilhar nossos registros etnográficos, que envolvem discursos religiosos e nos parecem indicativos da complexidade moral do tema aborto e da expressividade de discussões observadas pelos estudos das religiões quando tratam das apropriações e reelaborações que estas sofrem em seus usos cotidianos por parte de pessoas comuns, leigos e seguidores.

Em nosso trabalho de campo, embora a maior parte das entrevistadas se considerasse católica, frequentemente preceitos do espiritismo eram evocados nas reflexões sobre aborto. A literatura especializada tem apontado justamente que tal situação não é necessariamente uma incongruência. É característica do espiritismo kardecista brasileiro a sua face marcadamente católica (claramente estabelecida na segunda metade do século XX, sob a influência do médium Chico Xavier). Para este artigo, recortamos nossos dados de campo privilegiando as reflexões de nossas entrevistadas que se referem ao espiritismo. São representações sociais sobre aborto que se remetem à doutrina

espírita kardecista, particularmente aos princípios reencarnacionistas e evolucionistas da doutrina.

Resumidamente, de acordo com tais princípios, cada reencarnação é uma oportunidade de evoluir espiritualmente, principalmente nas relações sociais que se dão no âmbito familiar. Dentro dessa lógica, podemos entender por que a doutrina é contra o aborto. Primeiro pelo fato de que somente Deus tem o poder de tirar uma vida, portanto, para o espiritismo, aborto é considerado assassinato; ainda, a mulher, ao cometer o aborto, interrompe a reencarnação de um espírito, a vida de uma pessoa que estaria envolvida no seu processo de evolução espiritual. Assim, interfere no processo de evolução espiritual do embrião e de toda a sua família. Em artigo sobre o tema, Arend (2010) cita uma passagem expressiva dessa doutrina:

*[...] Os Espíritos Reveladores, em “O Livro dos Espíritos”, questões 358 e 359, respondendo às indagações formuladas por Allan Kardec sobre a temática do aborto, apenas admitem o aborto terapêutico, isto é, o que tem por móvel preservar a vida da gestante, quando em real perigo. Bem o sabemos, mormente em nosso mundo evolutivo, que se um Espírito enfrenta tal situação, isso não se dá sem motivos, que não os seus próprios débitos nessa área; mas, não e menos verdade o alerta de Jesus para não interferirmos nos mecanismos naturais da Lei, quanto à penalidade imposta por ela, a de não nos caracterizarmos como “motivo de escândalo” (Mt. 17:6a 11). A vida é o bem maior que nos concede o Criador para o autoaperfeiçoamento espiritual e somente o risco desse bem pode tornar admissível o sacrifício de uma vida que se inicia em favor de outra já plenamente adaptada à dimensão material e, por isso mesmo, em plena vigência da assunção dos seus compromissos para com a família e com a sociedade. Sendo assim, não há argumentação satisfatória e capaz de justificar a aceitação dessa modalidade de aborto, em que pese a compreensão da aridez de tais provas para a genitora e seus familiares. O aborto sentimental é a instituição da pena de morte contra o efeito e não a causa do mal; é a penalidade imposta à vítima e não ao criminoso. (O Reformador, novembro, 1997, número 2024, p. 44, grifo do autor).*

Essa é a visão da doutrina kardecista, expressa nas páginas do jornal *O Reformador*, periódico publicado pela Federação Espírita Brasileira. Entretanto, o que observamos na comunidade pesquisada são variações,

interpretações pessoais dessa doutrina, sistematizada pelos especialistas que escrevem em publicações desse tipo ou ministram palestras nos centros espíritas. De uma forma muito original, a propósito do tema aborto, os sujeitos de nossa pesquisa ilustram de modo veemente o que Stoll (2003) chama de “espiritismo à brasileira”.

### **O caso de beatriz – espiritismo e redenção**

Para cada contexto, cada situação cotidiana ou excepcional, a doutrina kardecista é acionada e reelaborada pelos sujeitos concretos de diferentes maneiras – como é o caso de Beatriz, uma das entrevistadas. Mulher jovem de 34 anos, segundo grau completo, trabalha como vendedora autônoma e mora com a irmã mais nova e com a mãe (Ana). O depoimento de Beatriz difere do das outras entrevistadas. Ela fala abertamente e sem constrangimento sobre o tema e nos conta como foi a sua experiência de aborto, que inclui a participação do namorado<sup>4</sup>:

Eu lembro depois quando contei pra Paloma ela ficou triste, chorou. Se ela soubesse de uma coisa dessas, ela jamais teria deixado acontecer... [E como que tu fizeste pra?...]. Mas assim, eu não me arrependo! Eu tinha uma vizinha... Uma vizinha aqui do lado que é enfermeira e outra vizinha na outra rua, a Margarida [...]. Aí a Margarida sabia onde tinha, onde vender o remédio. [Ah... o Cytotec!] É! Primeiro eu fui no ginecologista e falei pra ele. Daí ele falou, me indicou uma clínica e eu... Depois me falaram toma vinho com... sorrisal! Tomei [risos] [...] Tomei! Depois o que mais... chá de arruda! Tomei! Ah... que mais... daí fui inventar de tomar esse negócio, esse negócio era caro! Cytotec.

O seu relato na busca por alternativas para desfazer uma gravidez indesejada não difere muito do das demais entrevistadas, distinguindo-se na verdade pelo fato de Beatriz assumir não estar arrependida de ter praticado aborto e, no caso dela, ainda contar com a participação efetiva do namorado em todo o processo, desde a negociação do comprimido até o momento final da descarga:

Eu já tinha pensando em ir nessa clínica de aborto, só que essa clínica de aborto era em Joinville e era muito caro. Ele sempre trabalhou, mas nunca teve assim... muito [ênfatisa com a voz o “muito”] dinheiro. Daí eu sei que eu olhei pra

---

<sup>4</sup> O caso de Beatriz, aqui resumido, foi apresentado em outro artigo (Motta *et al.*, 2010).

minha vizinha e daí a gente falou com a outra aí... [A tua vizinha era mais velha? E era a tua amiga assim?] Aham. Aí me ajudou, daí peguei e fui, falei com a outra, a gente foi lá e encontrou o remédio. Mas quando tu é nova tu não sabe das coisas, entende? O cara mandou eu tomar 11 remédios! 11 remédios! E duas injeções, eu tomei. Tomei duas injeções pra dilatar o útero e o remédio eu tomei seis e botei quatro, alguma coisa assim... só que quando eu fui tomar os comprimidos, quando eu tomei o primeiro remédio, eu tava na casa dele. Quando eu tomei o primeiro remédio, eu já vomitei. [E ele fez tudo junto contigo?] Tudo, tudo, tudo! Tudo junto! Foi comprar, me ajudou, ficou comigo, me cuidou.

Nesse relato de Beatriz, vemos a experiência do aborto sendo compartilhada com outras pessoas (as duas vizinhas, “o cara” que vende a droga e o namorado). A grande novidade, que tem sido apontada na literatura, é a participação masculina na experiência do aborto (antes restrita aos médicos de clínicas de aborto ou àqueles que recebiam as mulheres para curetagem e tratamento em maternidades após um aborto incompleto). O Cytotec trouxe para a cena do aborto clandestino a figura do traficante e daquele que compra o medicamento para a mulher, geralmente seu parceiro sexual (BRASIL, 2009; RAMIREZ, 2000; MOTTA *et al.*, 2010).

Não obstante a maior segurança oferecida pelo misoprostol, a experiência ainda é vivida como dramática e perigosa. Os riscos ainda são consideráveis, não apenas pela aquisição da medicação de procedência duvidosa, sem conhecimento das condições de fabricação, armazenamento e validade do produto, mas também pela administração em dosagens inadequadas, mal orientadas (DINIZ, 2011). Somam-se a isso a insegurança e a ausência de supervisão e cuidados adequados em momentos de grande sofrimento e ansiedade para a mulher:

Daí me falaram que tinha que ficar não sei quanto tempo antes de começar a sangrar. Aí eu tomei de madrugada, não lembro que horas eu tomei, comecei a passar mal de madrugada e eu tremia, tremia, tremia. Daí eu tinha que ficar até umas sete horas, depois tinha que vir embora, ficava vendo filme. [...]. Tá, aí eu passei mal, mal, mal. Tu não tem noção porque aquele idiota [o traficante que vendeu o remédio] não falava com ninguém. Falaram pra eu fazer, que ia sair. Fui, fiz. Quase morri. Tava de três meses já. [...] E eu tremia tanto, tremia tanto, tremia tanto que eu pulava na cama de tanto que eu tremia. Horrível! [...] Tremia. Tremia

muito, imagina, tomei 11 remédios, guria! Não se toma 11 remédios! 4 já resolve! [...] Eu não lembro qual foi a hora, passei mal a noite inteira. [E a enfermeira não ficou junto nem nada?] Não, qualquer coisa a gente ligava pra ela. Entendeu? Daí sei que fiz, ele pagou. E daí de manhã eu comecei a sangrar, fui no banheiro, teve uma hora que eu fui no banheiro que desceu uma bola e fez assim “ploct”! [...] Desceu uma bola e “ploct”! Aí eu chamei ele. Aí ele veio e puxou a descarga (MOTTA *et al.*, 2010, p. 7).

Mesmo com todas as dificuldades por que passou no percurso do procedimento, Beatriz se mostra muito segura da decisão tomada, aparentemente sem muitas preocupações de foro moral ou religioso. Sendo espírita kardecista, quando questionada sobre a visão da doutrina, Beatriz se apoia na própria doutrina para resolver o dilema ético-moral imposto por sua prática declaradamente contraditória com esses princípios doutrinários e, assim, não se sente culpada:

[E sobre aborto, lá no centro espírita falam disso?]. São contra. [São contra, não é? E tu já ouvistes lá alguma vez alguma falação sobre isso?]. Não sei, numa *palestra* eu acho. Mas a prática descrita eles condenam isso! Porque depois até, tu vai ter, tu pode ter em outras vidas. [Por que eles condenam? Por que eles são contra?] [silêncio] Ai, eu não sei te falar agora... [silêncio], não lembro. [...] É porque a pessoa tá querendo nascer de novo e daí tu vai interrompe aquele ciclo que ele tá esperando não sei quanto tempo. [Que é um espírito que vai...] Isso. É, que vai reencarnar e tal. Por isso tem que fazer trabalhos voluntários. Faço isso pra me redimir dos pecados [risos]. É, vou fazendo pro bem, quem sabe a gente tenha perdão. [É, até a circunstância que foi, não é? Tu tinhas uma situação que foi como tu conseguiu lidar, não é, novinha não é, acho que isso aí deve contar também, né?] [risos] Não sei... porque se fosse hoje eu faria de novo, entendeu? Não me sinto culpada.

Em nosso trabalho de campo, observamos que os referenciais religiosos geram desconforto em relação ao aborto, mas, eventualmente, também proporciona conforto. É possível perceber o entendimento peculiar de Beatriz sobre a doutrina kardecista quando ela articula o tema aborto e se apoia na doutrina para resolver o mal-estar do conflito, que envolve a culpa presumida. E é na mesma doutrina kardecista, que condena e criminaliza o aborto, que ela resolve a questão dos conflitos e da sua “redenção”.

Nesse sentido, simbolicamente, o espiritismo parece oferecer a Beatriz uma saída religiosa, um salvo-conduto moral, sendo mais conveniente que o catolicismo e capaz de responder mais satisfatoriamente a uma demanda espiritual e moral do sujeito que o aciona para elaborar a experiência do aborto realizado. Nesse sentido, todo “mal” feito (a forma como a religião compreende o “mal”) pode ser amenizado ou até mesmo perdoado se neutralizado por outra ação entendida como “do bem”.

Não obstante, isso representa apenas uma “licença moral” excepcional, numa dada situação bastante peculiar e contextualizada em que o sujeito se encontra num momento bem particular de sua vida pessoal. É preciso entender que isso não implica uma aceitação moral mais geral em torno do tema aborto. Para nossa surpresa, depois de nos relatar sua experiência de aborto na adolescência, da qual não se sente culpada, a própria Beatriz, quando questionada acerca do aborto em caso de anencefalia, é categórica ao condená-lo:

Aí eu acho que não tem que fazer o aborto! [...] Não, se a criança já vai morrer, por que que ela vai matar antes? Ela já tá com o barrigão e já descobriu isso! [Ir até o fim? Mas tu é contra ela a fazer ou achas que ela pode decidir?] Eu acho que ela pode decidir, né?, entendeu? Porque geralmente as mulheres não querem. [Tirar?] É, é bem raro isso aí. [...] Sabe por quê? Porque também vai ter situações de discussão de “Ah, meu filho vai nascer com síndrome de *down*” e meu filho vai ter não sei o que lá, problema de paralisia não sei o que lá, daí a mulherada vai querer tá tirando tudo os filho por aí?! [risos] Tem cada doido que tu sabe, né? É verdade ou não é verdade? É uma coisa que tem que conversar, eu acho. [...] Porque se tu for ver, lá no centro espírita, a pessoa que tem um filho com, com síndrome de *down* ou um filho deficiente, aquilo pra ti é uma benção. Porque ele vem pra te passar alguma coisa. [...] E agora a gente vai estar matando tudo os filho?

O tema aborto é complexo e controverso. Percebe-se na fala de Beatriz que, em princípio, ela é “contra”, mas, se tomamos a forma como elabora sua experiência própria, ela parece “a favor”. No entanto, quando questionada a respeito do chamado “aborto terapêutico”, ela se posiciona veementemente “contra” de novo. Não há uma opinião ou posição definitiva sobre o tema. Ela se alterna à medida que convém e de acordo com as situações concretas. É como um jogo, em que a ética, as representações e os discursos variam dependendo das circunstâncias. Há uma imagem social a zelar, e as entrevistadas elaboram seus discursos conciliando a essa imagem a moral, a religião e as situações de vida concretas.

## **Espiritismo e catolicismo: *aborto nunca mais***

O caso de Beatriz não é modelo, nem padrão, já que seu discurso destoa (por relatar o feito e declarar-se sem culpa) daqueles obtidos nas situações formais de entrevistas, nas quais as mulheres que faziam aborto sempre eram “as outras”, e raramente aquela que estava sendo entrevistada. No entanto, o modo como Beatriz elabora sua experiência é eloquente no que concerne à forma criativa como as representações sobre aborto são acionadas e atualizadas, ocorrendo uma negociação entre as práticas, a experiência vivida e os conhecimentos advindos de diversas fontes, inclusive as religiões que fazem parte das cosmologias locais. Observamos em nosso estudo mais amplo no local como a população pesquisada se identifica com mais de uma religião, apesar de a maior parte das pessoas se declarar, em primeiro lugar, católica (ASSIS; MIGUEL, 2010).

Assim é o caso de Júlia, uma católica que, sem abandonar sua devoção aos santos católicos, optou pelo candomblé após a cura de uma doença. De forma semelhante, Lara se declara católica, mas também umbandista:

Eu me recorro às duas. Porque Deus tem na igreja, tem na igreja de crente e tem na umbanda também. É a mesma coisa, é o mesmo Deus que tem lá, tem em tudo quanto é lugar. [...] minha família toda é umbandista, eu também segui por esse rumo. E gosto, né?.

Embora a pesquisa quantitativa realizada no bairro composto por várias comunidades aponte que apenas 4,7% da população pesquisada declara ser espírita (ASSIS; MIGUEL, 2010), o trabalho de campo etnográfico numa dessas comunidades, a Santo Expedito, revelou o espiritismo kardecista como uma referência religiosa importante na reflexão sobre o aborto. Maria (57, cozinheira), extremamente católica, explica que é “católica de berço”, mas “espírita kardecista por paixão”:

MARIA: [...] De família. Eu sou sobrinha de padre, de freira. Sou católica, mas gosto, gosto muito [ênfatisando o muito] da espírita kardecista, sô apaixonada. Mas sô católica de berço, então a gente se sente bem na missa.

ENTREVISTADORA: Mas tu vais em algum centro espírita também?

MARIA: De vez em quando eu gosto de ir, sim. Eu já fui mais, quando eu morava no centro era mais fácil, mais acesso, né? Agora, de vez em quando a Estela [vizinha] vai, eu já tô indo.

Como católica, Maria é veementemente contra a prática do aborto, que ela define como um *assassinato*, algo que gera arrependimento e que não se esquece pelo resto da vida.

Olha, eu vou dizer um negócio para ti, na minha religião ninguém permite, que a religião católica não permite. E eu acho que nós temos que educar mais as meninas pra que elas não façam, sei lá, assassinato é sempre assassinato. Você acaba levando isso pro resto da vida, não é legal, eu acredito que não seja legal pra ninguém. Eu bati com um pedaço de pau na cabeça do meu irmão e cortô feio, saiu sangue, eu até hoje, quando ele me mostra eu me sinto arrependida, já pensou se eu tivesse matado? Nunca mais ia esquecer isso pro resto da vida. E eu acho que ninguém esquece um aborto provocado. Aí você mesmo vai ficar mal pro resto da tua vida. Então acho que não vale a pena o aborto.

Com exceção da umbanda<sup>5</sup>, as religiões são apontadas como contrárias ao aborto e fonte das justificativas e argumentos para a condenação da prática<sup>6</sup>. É como se na discussão a respeito do aborto o kardecismo viesse redobrar a condenação católica. Na entrevista com Júlia, as religiões que ela segue, catolicismo e candomblé, são lembradas como religiões que condenam veementemente o aborto. Quando questionada sobre o espiritismo, a figura de Allan Kardec é lembrada como “contra” o aborto:

ENTREVISTADORA: o que é que tu pensas sobre o aborto?

JÚLIA: Ah, eu sou totalmente contra.

ENTREVISTADORA: É contra? Tá, e antes eu te perguntei sobre a religião, né?. O que a tua religião acha do aborto?

JÚLIA: Deus me livre, ninguém aceita. Nossa religião é muito rígida.

ENTREVISTADORA: Tanto a católica...

Júlia: Quanto o candomblé, então nós somos contra o aborto.

ENTREVISTADORA: É? Eu achava que o candomblé não era tão rígido assim.

---

<sup>5</sup> Ione, irmã de lara, umbandista que tentou fazer um aborto com uma receita de uma “misturada” dada pelo pai de santo, afirma: “Ah, a umbanda é mais de tirar, né?”. Sobre o sentido da palavra “tirar” como expressiva da atitude deliberada da mulher pelo aborto, ver Motta, 2012.

<sup>6</sup> Especificamente sobre umbanda/kardecismo em contextos culturais de grupos populares urbanos e particularmente a respeito da eficácia simbólica dessas práticas de conhecimento para as camadas em ascensão social dentro desses grupos (chamadas “classe média baixa”), ver Brites, 1993.

JÚLIA: Não, nós somos bem rígidos dentro da... nós não admitimos. Não admitimos nada... que for errado. Nada errado.

[...].

ENTREVISTADORA: É que eu já ouvi história de assim, [...] não do candomblé, mas acho que da umbanda.

JÚLIA: É, na umbanda isso aí é [...]. Na umbanda ensina. Mas nós somos contra.

ENTREVISTADORA: E o espiritismo também é contra, né?

JÚLIA: É, Allan Kardec também era (AREND; MOTTA, 2010).

Maria (católica de berço e espírita por paixão) e Estela (a vizinha kardecista presente nesse momento na entrevista, mãe de Beatriz) também se apoiam na doutrina espírita reencarnacionista para condenar o aborto:

ENTREVISTADORA: Tu já falaste um pouco o que tua religião diz sobre o aborto...

MARIA: Minha religião diz que não. Nenhuma delas. Na espírita, pior ainda. A espírita mesmo diz que nunca, sei lá eu.

ESTELA: (a vizinha kardecista presente nesse momento na entrevista): A religião católica só diz que não, *a espírita explica tudo*.

MARIA: Explica tudo, sabe? Eu gosto da religião espírita. Eu acredito na reencarnação, eu acho que a gente volta pra cá, pra pagar tudo que a gente faz aqui. Se tô sofrendo agora é porque na outra passada devo ter deixado a desejar. E na próxima eu quero voltar melhorzinha, sabe?

Pâmela (40 anos, um filho, profissão “mil e uma utilidades”, trabalhando “no momento” como manicure/cabeleireira) relatou-nos um aborto provocado em sua entrevista e também se declara católica, reconhecendo, no entanto, a preferência pelo kardecismo. Nesse momento, esforça-se para evocar o nome de Allan Kardec.

ENTREVISTADORA: E a tua religião? Tu tem religião?

PÂMELA: Eu tenho, *eu sou católica*.

Marido da PÂMELA: Não praticante! [risos]

PÂMELA: [risos] Eu sou a religião que eu nasci, é a que eu tenho desde que me conheço por gente e vai continuar sendo até eu morrer.

ENTREVISTADORA: E o que a sua religião fala sobre o aborto?

PÂMELA: A minha religião... olha eu gosto muito de frequentar a...a...a...meu Deus...ui! Deu um branco na minha mente!

ENTREVISTADORA: [risos]

PÂMELA: como é que diz, criatura de Deus!

ENTREVISTADORA: [risos]

PÂMELA: Como é que diz, diz Nelson.

ENTREVISTADORA: [risos] se tu puder ajudar...

PÂMELA: *Como é que é a religião do, do... por Deus do céu...*

ENTREVISTADORA: [risos]

Marido de PAMELA: Espiritismo?

PÂMELA: Olha só como é que é! *Espiritismo, criatura!*

ENTREVISTADORA: [risos] Ah, tá.

PÂMELA: Tá lôco eu ia falar o nome do, do...

Marido da PÂMELA: Allan Kardec?

PÂMELA: Do *Allan Kardec!* Pra ver se eu lembrava!

Diferentemente de Beatriz, Pâmela condena duramente o aborto. Passados muitos anos do aborto que provocou, e dentro do contexto de um discurso marcado pela ideia de arrependimento, crescimento pessoal e aprendizado, balizado pelo viés espírita, ela diz:

O aborto é quem nem um filho, é que nem tu pegar uma faca e matar uma pessoa, né?. É uma vida, né?, é uma vida que tá dentro de tu! [...] Hoje eu penso assim, né. Tu já tem alguém aí, um coraçãozinho batendo aí, e tu ir tomar um remédio aí e *interromper isso aí... é uma vida!* Tu tá *matando*, tu tá... né? É uma vida. Pra mim é um assassinato como outro qualquer. Não deixa de não ser! [...] É muito triste porque é uma carne, é um sangue, é um pedaço de tu que tá se soltando aí. [...] E que tu tá jogando fora. É a mesma coisa se tu perde um filho. Ah, fulano matou teu filho... é a mesma coisa!

Pâmela admite ter provocado um aborto, porém, em seu discurso, acomoda essa experiência dentro de um processo de aprendizado, de algo que ela fez por despreparo ou ignorância, afirmando que hoje lidaria de outra forma:

Mas um pouquinho eu sei, alguma coisinha aí, outra coisinha... porque tem gente que morre, como é que a gente diz na Bahia? Comendo grama, né? Não aprende nada e não se interessa em saber e morre sem saber... mas aborto... vou te falar, *aborto nunca mais!* Se eu engravidar hoje eu deixo nascer!... Eu deixo nascer.

Evidentemente, esse é o discurso de Pâmela anos após sua experiência de aborto, quando se mostra arrependida e diz que não faria de novo, numa fase da vida em que se tornou estéril: “Casei de novo, não vou ter filho mais porque fiz laqueadura”. É nessa condição e a partir da sua experiência que Pâmela elabora seu discurso condenatório à prática do aborto, generalizando sua própria experiência como a solução alternativa ao aborto para as demais mulheres:

Então, por isso que eu acho assim ó, eu sou a favor da laqueadura, né?, se isso fosse visto direitinho, né?, porque quanto mais... porque se tu fez a laqueadura existe menos aborto. Porque a mulher não vai ficar a vida inteira, até os 40 anos abortando!

Seu posicionamento acerca do aborto hoje também evoca uma espécie de aprimoramento pessoal, não de uma vida para outra, mas uma espécie de evolução pessoal que se pode depreender também influenciada pela doutrina kardecista.

O que acontece com as pessoas, vai aprendendo, aí vai escutando, aí escutando lá, então é assim, um pouquinho de cada. É como eu te falei, tem gente que nasce burro e morre burro e não aprende nada! Né? Eu tô com 40 anos hoje, mas assim, não vou dizer que eu sei tudo, porque a gente morre sem... né... saber tudo...

Em toda a fala de Pâmela sobre o aborto é possível perceber a perspectiva evolucionista do espiritismo. Essa ideia está presente no trecho reproduzido acima, em que ela fala explicitamente na evolução pessoal, no entanto o aborto, em especial dentro da perspectiva espírita, relaciona-se também à evolução do espírito que a “vida” proporciona. A análise da fala de Pâmela sugere que a ideia de “interrupção” por ela acionada na parte da entrevista citada anteriormente (“Tu já tem alguém aí, um coraçãozinho batendo aí, e tu ir toma um remédio aí e *interromper isso aí... é uma vida!*”) refira-se não apenas ao “coraçãozinho batendo”, mas também à evolução espiritual do embrião. Mais adiante, quando Pâmela remete-se ao seu aprendizado, aciona novamente a ideia de “interrupção”, então ela parece estar evocando como “vida interrompida” algo além da suposta vida do embrião ou de sua evolução espiritual:

Então... eu via bastante coisa, eu gosto de... quando eu morava na Bahia eu gostava, eu frequentava toda segunda-feira. Aqui é mais difícil, não sei onde é que tem. *Mas eu ia assim pra ficar por dentro dessas coisas assim, das pessoas que têm a vida interrompida, né? Que é do aborto, né?*

Cabe indagarmos: quem Pâmela tem em mente, quem ela designa como “as pessoas que têm a vida interrompida”? Correndo o risco de incorrer numa superinterpretação, é irresistível terminar este texto incluindo nessa designação de Pâmela também as mulheres que recorrem ao aborto, em cujas vidas essa experiência talvez represente também uma “interrupção”, a qual permanece em suas vidas como um segredo, algo cometido sob o signo do pecado, do erro, da culpa, ou da criminalização, figurando em suas histórias de vida como uma espécie de “interrupção”, de fato. O aborto clandestino, relegado ao segredo, ao risco e à ilegalidade, representa a interrupção da normalidade, do fluxo natural, saudável e desejável da vida da mulher, a interrupção da vida pública, cidadã e legal da mulher plena de direitos.

Nos diálogos acerca do tema aborto entre nós entrevistadoras e nossas informantes bem como nos diálogos entre elas próprias são perceptíveis as releituras, as reapropriações e as ressignificações que sujeitos concretos produzem em suas relações com o universo religioso. A propósito do tema delicado “aborto”, estabelecem, conciliam ou tencionam, em suas falas, relações entre catolicismo e kardecismo (no caso de Júlia, o candomblé) conforme suas experiências, afinidades e inclinações. Maria, Estela e Pâmela conciliam catolicismo e kardecismo. Lara e Lone também se consideram/são católicas, mas sua experiência reprodutiva (Lone tem nove filhos e Lara, uma) inclui a tentativa de aborto de Lara (experiência compartilhada com a irmã Lone), que é respaldada pela umbanda. A busca de Lara da solução para uma gravidez indesejada, seu itinerário abortivo, a conduz não ao catolicismo (a que ela também “recorre” em certas situações), leva-a ao pai de santo, o qual, segundo o relato, é quem lhe dá a receita abortiva e introduz a umbanda na narrativa e na experiência.

Assim, sujeitos reais, diante da temática aborto, vão produzindo assimilações e distinções entre as diferentes alternativas religiosas. Obviamente, nessas narrativas, a temática aborto só expressa suas escolhas e classificações anteriores e mais amplas do que a questão objeto da entrevista e foco deste artigo. As pesquisas do campo da religião, desde o século passado, vêm avançando no mapeamento das variantes religiosas brasileiras, com sua diversidade e particularidades. Em que pesem as ideias hegemônicas nos estudos antropológicos brasileiros até a década de 1980 sobre um *continuum*

mediúnico, a etnografia sobre a umbanda aponta as especificidades desta entre as religiões mediúnicas brasileiras (BROWN, 1986). Nesse sentido, as aproximações e tensões entre kardecismo e umbanda têm sido tematizadas pelos antropólogos das religiões (CAVALCANTI, 2004). Por outro lado, a pluralidade interna do próprio kardecismo no Brasil é também digna de nota. A literatura antropológica registra essa característica do kardecismo em nossas cidades – religião ou religiosidade que pode assumir uma pluralidade de configurações (SILVA NETO, 1995).

Minha pesquisa em Cascavel/PR mostrou que o kardecismo mudava de forma considerável se for uma experiência da população das regiões centrais de Cascavel, de maior poder aquisitivo, ou se for uma experiência de populações periféricas da cidade, de menor poder aquisitivo. E mais do que isso, foi possível perceber o kardecismo com um referencial simbólico para o diálogo entre estas diferentes populações da cidade, um diálogo que definia aproximações, mas também distanciamentos através das hierarquias que surgiam pelas elaborações sobre práticas e valores que a experiência religiosa proporcionava (SILVA NETO, 1995).

Os depoimentos aqui recortados ressaltam parte da complexidade e da diversidade nas alternativas religiosas presentes no universo das populações moradoras dos bairros de periferia das cidades brasileiras. Ainda que na comunidade pesquisada não haja centros espíritas, a busca por eles noutras partes da cidade não é vista como uma impossibilidade. Da mesma forma, a experiência em centros espíritas anterior à moradia no bairro, em outras fases da vida, é também evocada e adquire sentidos mediante as reflexões sobre a própria biografia e experiências dos sujeitos. As ressignificações de dogmas e preceitos kardecistas por parte de mulheres num bairro de grupos populares urbanos podem assim ser muito diversificadas e particularmente diversas daquelas mais ortodoxas. Podem, como vimos, resultar em pragmáticas imprevisíveis e diferentes daquelas leituras e interpretações dos especialistas e representantes letrados do universo das classes médias que lideram as práticas kardecistas nas cidades brasileiras.

### **Considerações finais**

As famílias que observamos e as mulheres que entrevistamos não são especialistas na doutrina espírita nem leitoras do jornal *O Reformador*, mas as ideias de vida, de aborto como homicídio e “interrupção” (da vida e de um ciclo

evolutivo), presentes em suas páginas, também figuram nos discursos das entrevistas. A transição dos discursos de suas matrizes de produção e divulgação bem como os discursos dos especialistas do espiritismo não se dão sem mediação, releituras e reelaborações. Os conhecimentos de nossas entrevistadas sobre a doutrina espírita são limitados, adquiridos informalmente através de conversas com demais pessoas da comunidade, ou mediante a frequência a centros espíritas e a palestras lá ministradas.

Autores especialistas em espiritismo discutem as tensões e lutas por hegemonias simbólicas entre as várias formas de espiritismo e religiões mediúnicas brasileiras bem como entre elas e o catolicismo e ainda entre o kardecismo e a ciência (STOLL, 2002; LEWGOY, 2006). O que vimos nas representações sociais que etnografamos parece ser a atualização e traduções locais dessas disputas, saberes e hegemonias simbólicas. Autores do campo do espiritismo sublinham a característica letrada e o perfil social de classe média do kardecismo brasileiro (LEWGOY, 2004). Pois bem, a população por nós pesquisada pertence a grupos populares urbanos, é pouco escolarizada e pouco letrada. Não obstante, informantes fazem menção a palestras espíritas assistidas e observamos a presença de exemplares de livros espíritas nas casas que visitamos (para além dos signos costumeiros do cristianismo, como crucifixos e imagens de Nossa Senhora).

A propósito do tema aborto, as traduções e reelaborações a partir da doutrina espírita feitas pelas pessoas que entrevistamos, em geral, não costumam se chocar frontalmente com a própria doutrina, ainda que possamos encontrar leituras mais livres como a de Beatriz quanto à forma de expiar sua culpa. Embora ela possa parecer tolerante com a prática do aborto, ao final da entrevista, Beatriz ainda se mostra coerente com a doutrina espírita ao condenar veementemente o aborto por anencefalia. O estudo das representações sobre o aborto precisa estar atento aos discursos e às práticas, principalmente às contradições e às ambiguidades. A mesma mulher que se diz a favor em seguida se posiciona contra, dependendo da circunstância. Não há uma posição irrevogável quando se trata desse assunto. As representações sociais se alternam em função de situações e contextos das experiências e das falas e interlocuções.

A criminalização do aborto no Brasil é frequentemente atribuída à influência conservadora católica. Não obstante, a esse respeito, podemos ponderar que outros países de tradição católica tão ou mais arraigada possuem uma legislação mais tolerante e descriminalizaram o aborto, alguns há muito tempo, outros recentemente. É certo que o catolicismo no Brasil

trabalha condenando e criminalizando a prática do aborto entre nós (haja vista a atuação da bancada cristã em Brasília, permanente e ativa contra todos os projetos que proponham avanços nessa questão), mas talvez não possamos compreender os reais contornos e a complexidade das bases ideológicas e argumentativas “pró-vida” mais populares entre nós se não pararmos para pensar, para além de um catolicismo popular, a respeito da atuação do espiritismo kardecista. Mesmo nas instâncias de poder mais elevadas, é preciso estar atento ao viés espírita, uma vez que já se identifica entre os personagens “pró-vida” no congresso e no senado a existência de uma bancada espírita atuando contra a aprovação de projetos pró-descriminalização do aborto.

Quando uma pessoa se declara “contra” o aborto, ou refere-se a sua religião como fundamento para tal posição, não devemos ler de imediato que ela não admita o recurso ao aborto em dada situação ou que ela não tenha feito um aborto ou que jamais venha a fazer, ou ainda que julgue inaceitável que alguém faça em dada circunstância. Da mesma forma, não precisamos ter pessoas declaradas espíritas para vermos a cosmologia espírita e a concepção de “vida” do espiritismo atuando nas opiniões sobre o aborto entre nós, quase sempre no sentido de condenar e defender a criminalização da prática. O estudo etnográfico focado nas práticas e na complexidade das representações, que não são unívocas e muito menos livres de contradições, e atento ao fluxo dos discursos, entendidos como mutantes ou permanentemente “bricolados”, permite complexificar pesquisas de opinião, enquetes e a própria ideia de plebiscito, as quais muitas vezes vêm atreladas à discussão em torno do aborto no Brasil.

## Referências

AREND, Sílvia; ASSIS, Gláucia; MOTTA, Flávia (Org.). *Aborto e contracepção: histórias que ninguém conta*. Florianópolis: Insular, 2012.

AREND, Sílvia M. F. Nas páginas D'o Reformador: imprensa, aborto e doutrina espírita kardecista (Brasil, 1995-2009). *Tempos Históricos*, v. 14, p. 91-105, 2010.

ASSIS, Gláucia Oliveira; MIGUEL, Denise Soares. As trajetórias reprodutivas e as percepções sobre aborto numa comunidade de periferia urbana em Florianópolis. In: AREND, Sílvia M. F.; ASSIS, Gláucia; MOTTA, Flávia (Org.). *Aborto e contracepção: histórias que ninguém conta*. Florianópolis: Insular, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciências e Tecnologia. *Aborto e saúde pública no Brasil: 20 anos*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRITES, Jurema G. *Aprendiz de Bacana: mobilidade social e sociabilidade em uma terra afro-brasileira*. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1993.

BROWN, Diana. *Umbanda: religion and politics in urban Brazil*. Ann Arbor: UMI Research Press, 1986.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros. Vida e morte no espiritismo kardecista. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 11-27, 2004.

DINIZ, Débora, CASTRO, Rosana. O comércio de medicamentos de gênero na mídia impressa brasileira: misoprostol e mulheres. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 94-102, jan. 2011.

EVANS-PRITCHARD, E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FONSECA, Claudia. Classe e recusa etnográfica. In: BRITES, Jurema; FONSECA, Claudia (Org.). *Etnografias da participação*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 2006.

LEWGOY, Bernardo. Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista: antigas e novas configurações. *Civitas*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 151-167, 2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/60>>.

\_\_\_\_\_. Etnografia da Leitura num Grupo de Estudos Espírita. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 22, p. 255-282, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832004000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000200011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>.

MOTTA, Flávia de Mattos. Sonoro silêncio: por uma história etnográfica do aborto. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 16, n. 2, aug. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2008000200024&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000200024&lng=en&nrm=iso)>.

\_\_\_\_\_. Não conta pra ninguém: In: AREND, Sílvia M. F.; ASSIS, Gláucia; MOTTA, Flávia (Org.). *Aborto e contracepção: histórias que ninguém conta*. Florianópolis: Insular, 2012.

\_\_\_\_\_. “Não me sinto culpada”: práticas contraceptivas e aborto em grupos populares urbanos. In: RIAL, Carmen; PEDRO, Joana; AREND, Sílvia Maria (Org.). *Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade*. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 1-427.

PORTO, Rozeli. *Aborto legal e o cultivo ao segredo: dramas, práticas e representações de profissionais de saúde, feministas e agentes sociais no Brasil e em Portugal*. 2009. 249f. Tese (Doutorado em) – Florianópolis, 2009.

RAMÍREZ Martha C. A propriedade do corpo: o lugar da diferença nos discursos de homens e mulheres acerca do aborto voluntário. *Cad Pagu*, v. 15, p. 297-335, 2000.

SILVA NETO, Francisco L. *A caminho da luz: estudo sobre espiritismo e modernidade em Cascavel, oeste do Paraná*. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

\_\_\_\_\_. Estudo de religiões em seus intercursos com a cidade: abordagens etnográficas. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 3., 2012, Pelotas. *Anais...* Pelotas: Editora da UFPel, 2012. p. 1-17. Disponível em: <[http://www.ufpel.edu.br/ifisp/ppgs/eics/dvd/documentos/gts\\_1lleics/gt14/gt14francis co.pdf](http://www.ufpel.edu.br/ifisp/ppgs/eics/dvd/documentos/gts_1lleics/gt14/gt14francis co.pdf)>.

STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2003.

\_\_\_\_\_. Religião, ciência ou autoajuda? trajetos do espiritismo no Brasil. *Rev. Antropol.*, São Paulo, v. 45, n. 2, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012002000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012002000200003&lng=en&nrm=iso)>.

